

TRABALHO PEDAGÓGICO: RELATOS DE PROFESSORES DE CLASSES MULTISSERIADAS DO CAMPO, NO MUNICÍPIO DE COMODORO, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Luana dos S. Nogueira Garcia¹

Ilma Ferreira Machado²

RESUMO: O presente artigo trata do trabalho pedagógico de professores que atuaram em escolas do campo, no município de Comodoro/MT, nas décadas de 1980 e de 1990. Com esse estudo buscamos entender como os professores desenvolviam o trabalho pedagógico e como lidavam com os desafios da realidade da escola do campo nos anos 80 e 90. Dessa forma, aborda, resumidamente, três temáticas fundamentais relacionadas à educação escolar no campo: formas de organização do trabalho pedagógico, metodologias e recursos didáticos utilizados no processo de ensino e aprendizagem e as dificuldades da prática docente. Com base em uma abordagem de pesquisa qualitativa, a metodologia utilizada consta de estudos bibliográficos e entrevista semiestruturada. Os resultados dessa pesquisa apontam que articulação entre esses docentes para organizar o planejamento de ensino e para fazerem trocas de experiências, contribuiu para o exercício de aprender a ser docente e principalmente, para o sucesso escolar de muitos alunos. Espera-se que este estudo possa contribuir para um melhor entendimento das questões que envolvem a educação no/do campo e que possa desencadear novas discussões que permitam uma maior percepção a respeito do processo educacional existente no espaço rural.

Palavras-chave: Organização do trabalho pedagógico. Educação do campo. Professores.

Considerações iniciais

Este trabalho é parte do projeto de pesquisa “A configuração do trabalho pedagógico e a formação dos educadores para as escolas do campo nas décadas de 1980 e 1990, no estado de Mato Grosso”, que vem sendo desenvolvido desde 2012. No recorte feito, neste momento, enfocando o município de Comodoro, buscamos analisar como os professores desenvolviam o trabalho pedagógico e como lidavam com a realidade da escola do campo/rural nos anos 80 e 90. Procuraremos identificar as estratégias de ensino-aprendizagem e materiais didáticos adotados pelos professores e compreender as dificuldades encontradas ao realizarem o

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em ensino, avaliação e formação de professores. E-mail: luaninhanogueira84@gmail.com

² Doutora em educação pela Unicamp. Prof^ª da Faculdade de Educação da Unemat - Campus de Cáceres; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso – PPGedu/UNEMAT. E-mail: ilma.ferreiramachado@gmail.com

trabalho docente. Neste sentido, este artigo justifica-se pela necessidade de conhecer melhor a realidade das escolas rurais no estado de Mato Grosso e contribuir para o registro da história dessa modalidade de educação; as falas dos sujeitos serão importantes para a compreensão dessa história.

Para responder ao tema do trabalho e atingir os objetivos determinados, adotamos o método qualitativo, que segundo Minayo é aquele capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1996, p.10). Para tanto, consultamos bibliografias que informam sobre o tema em estudo, e utilizamos como coleta de dados à entrevista semiestruturada³, que foi realizada com quatro professores, objetivando obter informações a respeito da situação da educação do campo naquele período.

São muitos os problemas encontrados pela população que vive na zona rural, e uma das questões que merece destaque é a educação, uma vez que a mesma nunca obteve prioridade do poder público. Essa situação é evidenciada por Arroyo (2007) quando ele destaca que a educação é apenas pensada no paradigma urbano, pois, no momento em que se pensa na formulação de políticas públicas, pensa unicamente nos cidadãos urbanos, então isso deixa entender que eles são os únicos sujeitos que possuem direitos. De tal forma, a cidade é idealizada como a única localidade na qual se pode viver, e isso traz uma visão negativa do campo, definindo-o como um lugar de atraso. Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004, p. 10) “a escola, no meio rural, foi tratada como resíduo do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, à população do campo foi negado o acesso aos avanços ocorridos nas duas últimas décadas, como o reconhecimento e a garantia do direito à educação básica”.

Diante desse quadro, há uma necessidade de buscar compreender como era desenvolvido o trabalho pedagógico por professores em meio a tantas dificuldades que se encontravam no ambiente rural. Assim, será realizado um estudo na perspectiva colocada por Chizzotti (2000, p. 102), que pode ser “considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação”.

³ As entrevistas semiestruturadas “combinam perguntas abertas e fechadas onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (Boní, Valdete e Quaresma, Sílvia, 2005, p. 75).

1 Planejamento e organização do trabalho pedagógico

Neste artigo, entende-se por Organização do Trabalho Pedagógico o processo de planejar e organizar as atividades do plano educativo, realizado pelos professores, gestores e outros agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem das instituições de ensino da zona rural. Portanto, a OTP é realizada a partir das questões que envolvem: objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação, subsidiadas implícita ou explicitamente por uma concepção de educação e pela função social atribuída à escola.

Muitas das indagações persistentes neste tema buscam o sentido da compreensão de como era realizada a prática pedagógica nas escolas do campo, no município de Comodoro/MT. À vista disso, a partir das entrevistas realizadas, fizemos uma sistematização e análise dos dados. Podemos dizer que estes dados não se diferenciam muito da difícil realidade encontrada em outras regiões de MT, nesse mesmo período. Contudo, também obtivemos dados positivos, sobretudo, no que diz respeito ao olhar diferenciado e especial para o campo, por parte da secretária municipal de educação. Estes demonstram que a Secretária Municipal de Educação, de Comodoro:

- Acompanhava e visitava sempre essas escolas, e orientava os professores;
- Realizava reuniões e momentos de formação para os professores;
- Supervisionava a execução do trabalho pedagógico, cobrava e exigiam sempre mais dos professores;

Já em referência ao planejamento do ensino, praticamente todos os professores participavam de encontros ou reuniões para que socializassem e realizassem coletivamente o planejamento de ensino. Exceto um entrevistado que afirmou: *A gente não tinha a orientação de ninguém, para preparar as aulas [...]. Assim, na época o professor seguia muito os pais... Existia um enfoque assim, que era ler, escrever e interpretar, não tinha muito que fazer.* De tal forma, percebe-se que o planejamento educacional e de ensino se desvinculava da realidade social do campo, já que se trata de um lugar que necessita de políticas focadas para ampliar o acesso à educação e para a melhoria do ensino.

Houve uma contradição entre os entrevistados, quando o assunto se tratou da avaliação para diagnosticar como os alunos estão aprendendo e o que aprenderam, tendo em vista a efetiva aprendizagem. Conforme a professora B: *No começo do ano mandavam pronto lá da secretaria sem discussão nenhuma nossa [...]. Ai a gente aplicava uma prova e devolvia*

[...]. Se os alunos iam mal, eles preenchiam o boletim, preenchia tudo aqui, ai devolvia. E o professor tinha que correr atrás disso, por que os alunos não estão atendendo as expectativas do planejamento. Então, nota-se que até nesses casos da avaliação dos alunos a secretaria municipal de educação estava presente. Contudo, os relatos de outros professores evidenciavam situação um pouco diferente, uma vez que eles mesmos preparavam a avaliação dos alunos. A professora B afirma: A gente fazia avaliação escrita, de acordo com os conteúdos [...]. Durante todo esse período havia o boletim [...]. E de modo semelhante relata o professor C: Fazia provas daquilo que você já tinha trabalhado [...]. Visava mais isso, o que é que eu devo trabalhar com essa turminha ou com aqueles dois, ou três alunos, que eles têm dificuldades. Não para medir o que eles sabem.

Apesar desse pequeno impasse, fica claro, pelas entrevistas, que o professor da escola do campo exercia seu trabalho nessa região com o forte auxílio da Secretária Municipal de Educação, até mesmo quando se tratava da avaliação escolar, que era supervisionada, com a preocupação de saber se a aprendizagem dos alunos estava atingindo o propósito definido no planejamento.

Contudo, ao se tratar do planejamento de ensino e da avaliação escolar, nota-se a ausência de formação sistemática, uma vez que esses profissionais da educação eram leigos⁴. Cabe ressaltar, que isso ocorria devido à falta de políticas públicas para o campo. Atualmente, essa situação vem mudando, mas segundo Caldart (2009, p.1) ainda “são identificados alguns impasses e desafios para a Educação do campo relacionando-os ao momento atual de crise mundial do capitalismo e como ela se materializa nas questões relacionadas ao trabalho do campo”. Assim, observa-se que os professores têm consciência de suas condições de trabalho, mas necessitam de maior aprofundamento teórico-metodológico e de autonomia pedagógica, o que implica em “políticas públicas de Estado, permanentes, de entrada, estabilidade, concursos, carreira e de formação precedente como exigência de entrada no corpo profissional estável” (ARROYO, 2007, p. 172).

2 Materiais e recursos didáticos utilizados pelos professores

⁴ Expressão que designa os que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental e não têm a formação completa e apropriada ao exercício do magistério.

Segundo Sant’Anna (2004, p.23), recursos de ensino são “o conjunto de meios materiais, físicos e humanos que auxiliam o professor e o aluno na interação do processo ensino-aprendizagem”. Assim, esses recursos favorecem um ensino de qualidade, facilitando e intensificando a aprendizagem do educando. É nesse contexto, que a necessidade da formação do docente, se torna importante, pois poderá orientá-lo em saber como utilizar tais recursos em favor da aprendizagem do aluno.

Entretanto, no município de Comodoro/MT, nas décadas de 1980 e 1990, esses materiais e recursos didáticos inexistiam ou vinham de forma escassa da Secretária Municipal de Educação.

Quadro 1 – Materiais/recursos didáticos utilizados pelos professores das escolas rurais – Comodoro – 1980 a 1990

SUJEITOS	MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS
Célia	—Livros; —Lousa; —Cartilhas; —Módulos;
Cícera	—Livros; —Lousa;
José	—Livros; — Giz; —Lousa; — Apagador;

Fonte: Dados das entrevistas, 2015.

O quadro 1 resume os materiais e recursos didáticos utilizados por esses docentes, nos anos de 1980 e 1990. Esses dados são um tanto preocupantes, já que a maioria dos professores só tinha o livro didático para poder realizar o trabalho pedagógico na sala de aula, com exceção da professora A, que afirma: *A gente tinha materiais e tudo, mas não era como a educação na área urbana [...]. Só que os nossos materiais, geralmente, era coleção que se pedia para a escola e a gente não tinha assim, às vezes um material mais condizente mesmo com a realidade.*

Tendo em conta que o uso dos livros didáticos contribui para o trabalho pedagógico, acredita-se que se a escola possuísse recursos para além dos que existem, as aulas seriam mais proveitosas e interessantes para os alunos.

Dentre os diferentes recursos, o livro didático é um dos materiais de mais forte influência na prática de ensino brasileira [...]. É importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento (MEC, 1998, p. 96).

No entanto, a realidade evidenciada se difere dessa perspectiva, e nos traz interrogações a respeito de como aqueles alunos aprendiam somente com tão poucos livros didáticos e com a ausência de outros materiais que favorecem o processo de ensinar-aprender. Cabe lembrar que recursos didáticos, podem ser encontrados fora da sala de aula, no ambiente natural da escola, no entanto, nenhum professor entrevistado argumentou a respeito.

3 Principais técnicas e estratégias de ensino utilizadas pelos professores

Neste tópico destacaremos as estratégias de ensino e aprendizagem aplicadas pelos professores leigos de turmas multisseriadas, das escolas do campo de Comodoro, nos anos de 1980 e 1990.

Segundo Therrien (1991) a professora leiga não tinha uma formação escolar apropriada e possuía condições de vida muito difíceis; isso fazia com que a sua figura representasse o fator principal por desencadear o fracasso escolar. Mas, é um equívoco atribuir toda essa responsabilidade a ela, pois, mesmo em escolas que possuem professores qualificados acontece fracasso. A sociedade deve, portanto, mudar esse paradigma imposto a respeito da professora leiga, que construía sua identidade pedagógica baseando-se naquilo que aprendia no seu dia-a-dia. Dessa forma, ela deve ser vista com um “sujeito contextualizado, histórico, com determinados saberes e práticas sociais cotidianas no interior da classe trabalhadora da qual não pode ser desvinculada, contrariamente às tentativas pedagógicas que, muitas vezes, propõem transformá-la em mera transmissora de saberes socialmente relevantes, mas historicamente fragmentados e parciais” (THERRIEN, 1991, p. 1).

É nesse contexto de fragilidades na formação e de precariedades nas condições de trabalho, mas também, de certo protagonismo das professoras leigas que muitos

questionamentos são suscitados, principalmente no que se refere à estratégias de ensino utilizadas no desenvolvimento da prática pedagógica.

O trabalho pedagógico exige dos educadores um grande esforço para articular a construção dos conhecimentos dos educandos, fazendo o uso de diversas técnicas e estratégias de ensino. Em relação a isso, a professora A, ressalta que ela trabalhava com uma turma multisseriada⁵, desse modo, tinha que criar técnicas e estratégias para que todos aqueles alunos aprendessem. Uma das técnicas usada por ela era a seguinte: como em sua sala de aula tinha duas lousas, ela trabalhava separadamente. De tal forma, ela elaborava um planejamento para cada turma; trabalhava a partir de módulos e alfabetizava pelo método silábico⁶. E concomitantemente relatou: *geralmente a gente costumava envolver duas séries juntas, principalmente a 4º e a 3º série. Essas duas séries a gente conseguia fazer um trabalho mais conciliado entre as duas. Agora já, na época era 1º e 2º série, era difícil.*

A professora B também trabalhava com uma turma multisseriada e desenvolvia projetos fora do ambiente escolar para integrar a comunidade em geral, os pais e os alunos. Em relação ao método de ensino, ela afirma que seguia a proposta de Paulo Freire e em termos de estratégias para trabalhar com aquela turma, ela contava com o auxílio dos alunos mais velhos para monitorar os mais novos, e os alunos que já sabiam ler, ajudavam os demais que ainda não sabiam. Ela ainda descreveu:

Naquele tempo a gente trabalhava. Era em fila, mas eu já gostava de fazer os grupos... Fazer o grupo da primeira série, grupo da segunda e grupo da terceira. Teve uma vez que eu trabalhei com três turmas junto, e a quarta série era separado, um ano. Então eu separava, e quem estava mais adiantado na terceira, que já adiantava as tarefinhas deles, ia lá e me ajudava quem estava começando a aprender ler (Professora B).

O professor C pouco comentou a respeito, entretanto, mencionou que realizava projetos como, por exemplo, questões sobre o meio ambiente e questões sobre indígenas, deixando bem claro que sempre elaborava tais projetos pensando na aprendizagem dos alunos. Em se tratando das técnicas utilizadas, ele disse: *você sabe o aluno que lê e aluno que não lê, e aluno que não sabe lê o alfabeto, é um multisseriado ao mesmo tempo, não é verdade?*

⁵ Nestas classes, alunos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos por um mesmo professor.

⁶ O método silábico tem como a principal unidade a ser analisada pelos alunos a sílaba. Os métodos silábicos se apresentam nas cartilhas por meio de “palavras-chaves”, utilizando apenas para apresentar as sílabas. (ALMEIDA, s/d, p.4235).

Então aquela ajuda mútua que o aluno que saiba ler, ajuda o que não sabe, ou toma leitura assim.

Diante da realidade analisada, verificou-se que os professores leigos — à época— utilizavam técnicas e estratégias de ensino distintas, visando à aprendizagem dos educandos, de modo a favorecer a aprendizagem dos alunos de turmas multisseriadas qual atuam. Mesmo apresentado fragilidades na formação profissional, as professores leigos procuravam construir estratégias de trabalho que fossem mais apropriadas à realidade na qual atuavam. Grosso modo, podemos dizer que as professoras utilizavam uma espécie de pedagogia “colaborativa” quando um aluno ajudava o outro nas tarefas escolares, contribuindo, ao mesmo tempo, com o trabalho da própria professora que, assim, podia dedicar atenção a outros alunos. É válido ressaltar, também, a preocupação demonstrada por um dos professores em relação à integração escola-comunidade, o que é uma característica forte da proposta de educação do campo, que vem se consolidando desde final dos anos de 1990.

O quadro a seguir, sintetiza as iniciativas dos professores para a criação de novas técnicas e de materiais para o processo de ensino e aprendizagem:

Quadro 2 – Iniciativas para a criação de novas técnicas e estratégias de ensino – Comodoro – 1980 a 1990

SUJEITOS	ESTRATÉGIAS/TÉCNICAS DE ENSINO
Célia	Trabalhava por turma, pois não trabalhava com apenas um tema para todas as turmas; Quando trabalhava com uma grande turma de alunos, dividia as séries;
Cícera	Começou a trabalhar com aquilo que trouxe do Paraná; Ela conseguia trazer do curso que fazia no estado do Paraná, informações que a ajudariam na sala de aula, e repassava para os seus colegas.
José	Trabalhava muito com o ato da leitura, visando às condições do cotidiano. Trabalhava sem o uso de papel, utilizava mais conhecimento que o mundo pode oferecer;

Fonte: Dados das entrevistas, 2015.

4 Dificuldades encontradas pelos professores na realização do trabalho pedagógico

As dificuldades encontradas pelos professores das escolas do campo nos anos de 1980 e 1990 para a realização do trabalho pedagógico estavam associadas à precariedade das condições de vida dessa população, de transporte, à falta de formação dos professores, ao desafio de trabalhar com turmas multisseriadas, falta de apoio por parte de outro profissional na unidade escolar e de materiais e equipamentos didáticos; todos estes fatores contribuíam para que houvesse, em alguns casos, um grande afastamento ou abandono escolar e do próprio campo por parte dos jovens que viviam nessas comunidades.

Os sujeitos entrevistados expressaram suas concepções⁷ da seguinte forma:

a) Em relação à falta de formação:

Eu tinha só apenas a 5ª série, trabalhava, mas eu só tinha apenas a quinta série. Tinha estudado a 6ª, mas não terminei. (PROFESSORA A).

Eu não cheguei formada, eu também só tinha o ensino médio. (PROFESSORA B).

b) Em relação às dificuldades de transporte:

Em 93 eu pedi um afastamento, porque era muito difícil o trabalho aqui, era muito desgastante, porque eu estou aqui distante do município 33 km e a gente, no princípio, a gente tinha que vir até a alvorada num cavalo, 18 km em cima de um cavalo. [...] Isso era pra gente chegar no município. Pra gente dar aula, a gente tinha que vir a pé, eu caminhava 3 km, seis na ida e volta. E chega um ponto que eu me senti cansada (PROFESSORA A).

Tinha que ir de pé, na época era muito difícil, muito tempo que faz que tinha dificuldades de estrada, enchente na escola [...] questão da infraestrutura, né? (PROFESSOR C).

c) Em relação à falta de apoio na unidade escolar:

Olha na época até 99, final da década, o trabalho de um professor na sala de aula era tudo. O professor ele era professor, ele era secretário, o professor ele era merendeiro, ele era faxineiro, ele fazia tudo. Todo trabalho era desenvolvido pelo professor (PROFESSORA A).

d) Em relação à falta de materiais e equipamentos didáticos:

Poucos recursos, poucos materiais didáticos, quase nada. E eu comecei a trabalhar com tudo aquilo que eu tinha trazido de Paraná, por que até então eu trabalhava lá. Recorri uma vez à professora que era secretária da educação da época, ela disse assim “olha tu te vira, por que eu não sei o que fazer está todo mundo procurando e a gente não sabe o que fazer, então tu te vira” (PROFESSORA B).

Precisa que por traz da boa vontade exista dinheiro, recursos e estrutura. Não dá para fazer milagre, nós não conseguimos fazer milagre. [...] Tem que ter boa

⁷ Cabe lembrar que são apenas algumas das falas dos sujeitos. Nem todas as falas estão expressas nessa lista.

vontade, tem que ter estrutura, tem que ter condição, tem que ter força de vontade, tem que tentar quebrar paradigmas assim, que está na gente [...]PROFESSOR C).

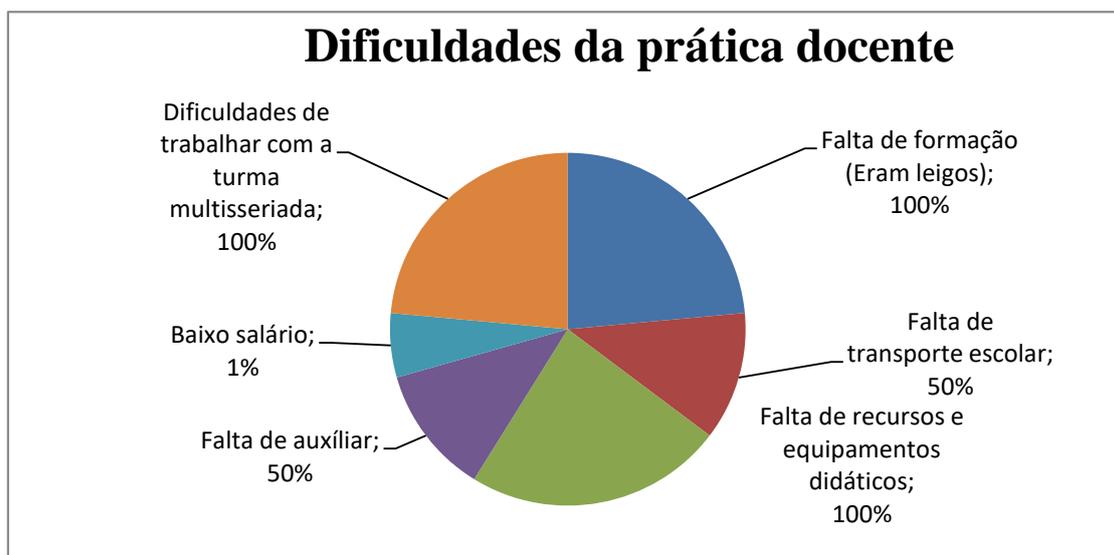
e) Em relação às dificuldades de trabalhar com turmas multisseriadas:

A escola era seriada. [...] Então tinha aluno pequenininho, tinha aluno grande, já tinha aluno casado, então era aquela mistura de alunos, o que dificultava também. Mas tinha sala de aula que a gente encontrava dificuldade, por que os alunos menores atrapalhavam, segundo os mais velhos, atrapalhavam eles a estudar. [...] A dificuldade de alfabetização foi muito grande (PROFESSORA B).

f) Em relação à evasão dos educandos do campo para a cidade:

Muitos alunos evadiam da escola. Você começava na sala de aula com 40 alunos, terminava com 25, com 20. [...] Era uma evasão muito grande, em função dessa mistura toda que eu estou falando pra vocês que não tinha uma paridade de alunos, era uma distorção toda. Então muitos alunos desistiam ou iam embora, faziam mudança e pegavam transferência e tal (PROFESSORA B).

Conforme as informações obtidas nessa pesquisa, elaboramos o gráfico abaixo:



Fonte: Dados das entrevistas, 2015.

Podemos perceber com a leitura e observação do gráfico acima que os desafios relatados para ensinar aqueles os alunos de escolas rurais eram muito grandes (apesar de todos afirmarem ter o apoio da secretária municipal de educação). Vemos assim, que a realidade das escolas do campo, no município de Comodoro não se distanciava da realidade encontrada em outras escolas do campo do Brasil, no período analisado.

Com base em Machado (2009, p.3), podemos inferir que embora o Brasil tenha avançado em termos de definição de políticas públicas para o campo,

A educação no campo enfrenta problemas de diversas ordens: infra-estrutura inadequada, educadores pouco qualificados, baixos salários, alto índice de crianças em atraso escolar, material didático insuficiente e inadequado, e poucos recursos financeiros. O que se observa, com raras exceções, é que a falta de condições financeira e material vivida pela escola pública urbana acaba por se repetir nas escolas do campo, porém, de modo mais acentuado. Um exemplo claro é o fato de que 354.316 professores atuam na educação básica do campo, representando 15% do professorado em exercício no Brasil, e são em sua maioria “os menos qualificados e os que recebem menores salários.

A conclusão que podemos chegar a partir de tais falas expostas é que o ensino-aprendizagem oferecido no cenário educacional dos anos de 1908 e 1990 estava longe de se apresentar como uma educação qualificada a que todo aluno tem direito. Contudo, mesmo em condições adversas, cabe reconhecer o empenho dos (as) professores (as) em promover a aprendizagem das crianças do meio rural. Dessa forma, conforme Therrien (1993), as professoras tornavam-se sujeitos de práticas pedagógicas heterogêneas, que evidenciavam o saber social que se elabora além do espaço escolar, e esse saber juntamente com os interesses dos trabalhadores, de certa forma, recuperava aquilo que eles vivenciaram através de lutas e de produção. Esse autor nos ajuda a perceber que existem outros fatores que diferenciam os saberes que se cruzam com as práticas pedagógicas dessas professoras, dentre eles está o saber adquirido como saber escolar, o saber gerado pela vida de uma mulher camponesa, e o saber político.

Considerações finais

Considerando a temática aqui abordada e os depoimentos dos sujeitos entrevistados, percebe-se que havia a necessidade de buscar meios capazes para promover e garantir um ensino de boa qualidade nessas unidades escolares. A educação do campo precisava e precisa ser encarada com maior atenção e respeito por parte das políticas públicas, pois só passando a ter essa importância que o meio rural receberá um olhar diferenciado em relação às inúmeras dificuldades que apresenta.

Em relação aos relatos dos professores entrevistados, nota-se que eles contavam com as orientações da secretária municipal de educação, embora, sempre houvesse a escassez de materiais e recursos didáticos para a realização do trabalho pedagógico. Contudo, a articulação entre esses docentes para organizar o planejamento de ensino e para fazerem trocas de experiências, contribuiu para o exercício de aprender a ser docente e principalmente, para o sucesso escolar de muitos alunos.

Portanto, espera-se que esse estudo possa contribuir de alguma forma para a compreensão do processo educativo que acontecia nas unidades escolares de Comodoro, Mato Grosso, nas décadas de 1980 e de 1990. E, também para despertar o interesse dos leitores para o estudo dessa e de outras realidades que se fizeram presentes, no estado de Mato Grosso. Como afirma Arroyo (2000, apud Halberstadt, 2011, p.41), “o trabalho com memória(s) permite a realização de investigações sobre o passado, na busca de melhor compreendê-lo, pois esta retomada se faz necessária para ajudar a constituir o presente”.

Referências

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. Métodos alfabetizadores: reflexões a cerca da prática pedagógica de uma professora de 1^asérie do ensino fundamental. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/344_948.pdf > Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) do campo. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.

ARROYO, M. G; CALDART, R. S. MOLINA, M. C. (Orgs.) Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Guia de livros didáticos- 1^a a 4^a séries. PNLD-98, 1998, 420p.

Boni, Valdete e Quaresma, Sílvia, (2005), Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, in Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009

CHIZZOTTI, Antonio (1998). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez.

HALBERSTADT, Talita Elisabeth. Memórias do tempo de escola e o constituir-se pedagoga (o). Revista Urutágua, São Paulo, n. 25, nov 2011.

MACHADO, Ilma F. Um projeto Político-Pedagógico para a escola do campo. *Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional*, Paraná. n. 8, vol. 4, jul.-dez, 2009.

MINAYO, M. C. De S. - O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo, 1996. 269p.

MOLINA, Mônica C.; FREITAS, Helana C. A. Avanços e desafios na construção da educação do campo. Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

SANT'ANNA, I.M.; SANT'ANNA, V. M. Recursos educacionais para o ensino: quando e por quê? Petrópolis: Vozes, 2004.

SPHYNX, Juliana. Mudanças demográficas no meio rural: a saída de adultos do meio rural para o urbano. Disponível em: <<http://julianasphynx.blogspot.com.br/2010/09/mudancas-demograficas-no-meio-rural.html>> Acesso em: 24 de janeiro de 2015.

TERRIEN, Jacques. A professora leiga e o saber social. Brasil, ME, Professor leigo: institucionalizar ou erradicar, São Paulo, Cortez, 1991.